

# Internacionalização da pesquisa nas Artes e Humanidades



**ART  
RESEARCH  
JOURNAL**

Art Research Journal / Revista de Pesquisa em Arte  
ABRACE, ANPAP and ANPPOM in partnership with UFRN

**Mauricio Lisovsky**  
ECO/UFRJ  
Coordenador de CSA1/CAPES

No contexto desse seminário, gostaria de focar esse tema por meio de uma tese curta. Seu desenvolvimento me permite tocar nos aspectos que considero mais relevantes a respeito da internacionalização dos programas de pós-graduação em um contexto complexo como são as Humanidades – e as Artes em particular. Essa estratégia, digamos, minimalista, convém-me particularmente por não ser do campo das Artes. O que posso aportar aqui, portanto, provém largamente de minha experiência pessoal e de discussões no âmbito dos programas de Comunicação. A tese que proponho poderia ser formulada como se segue.

*A despeito da “internacionalização” ser um critério de valoração dos programas de pós-graduação – decisivo para a caracterização dos programas 6 e 7, como se sabe – seu significado está longe de ser unívoco. Quem fala de internacionalização, refere-se a pelo menos a três coisas distintas: internacionalização das universidades, internacionalização da produção científica e internacionalização dos pesquisadores. Essas três dinâmicas são menos convergentes do que parecem à primeira vista. Ainda que, no médio e longo prazos, possa haver uma interação virtuosa entre elas, não são alcançadas por meio das mesmas estratégias. E, principalmente, cada uma dessas estratégias produz resultados diferenciados nas diversas áreas de conhecimento, isto é, seu impacto pode ser relativamente maior ou menor conforme a área que a implemente.*



Começamos pela primeira vertente, a *internacionalização das universidades*. Um levantamento recente mostrou que existem 26 sistemas diferentes de ranquear universidades. Um critério chave, que aparece em todos os sistemas de ranqueamento, é o de “reputação”. A reputação é pode ser um critério em si, resultando do reconhecimento da “marca” da instituição na comunidade científica e empresarial, como a resultante de uma conjugação de critérios, como, por exemplo, a quantidade de prêmios Nobel e medalhas Fields em seu corpo docente, a quantidade de artigos publicados nas revistas top do mundo, ou número de citações nesses mesmos periódicos, entre outros indicadores similares.

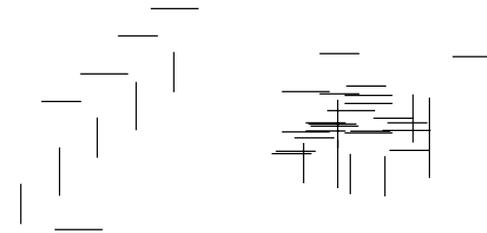
Todos nós sabemos que as Artes e Humanidades nunca terão papel relevante na inserção das universidades nestas listas pois estamos muito longe – como autores e editores de revistas – de alcançar os patamares desde onde esses indicadores são extraídos. Por outro lado, existe pelo menos um indicador no rol daqueles utilizados por esses rankings que nos interessa: uma “universidade de

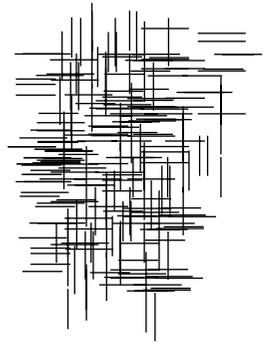
classe mundial”, diz-se, é aquela que consegue “atrair um número significativo de estudantes estrangeiros”. Há diversos motivos para ingresso de alunos estrangeiros em nosso programas. Por não disporem de formação equivalente em seus países de origem, por turismo ou aventura, mas há um contingente de estudantes que vem em função da reputação das nossas instituições e cursos. Podemos e queremos atrair esses alunos? Que papel podem cumprir nossas revistas na construção dessa reputação. No campo específico das Artes, uma vez que não podemos nem poderemos competir pelo reconhecimento que advém dos fatores de impacto, traduzir e publicar artigos científicos de nossos pesquisadores é suficiente para atrair alunos estrangeiros? É única coisa que nossas revistas podem fazer? Ou podemos esperar outras estratégias e políticas editoriais especificamente voltadas para essa vertente?

Consideremos agora a *internacionalização da produção científica*. Esse aspecto é, de modo geral, avaliado de duas maneiras: ou se observam

os artigos de autores brasileiros (isto é, docentes de programas de pós-graduação brasileiros) publicados em periódicos estrangeiros bem avaliados; ou se observam as citações de autores brasileiros por autores estrangeiros em periódicos internacionais. Mas é notório que as chances de um pesquisador vir a ser citado por seus pares depende de muitas variáveis além da eventual qualidade intrínseca do texto ou de sua publicação em língua estrangeira. Entre os fatores que mais favorecem a *citabilidade* dos textos, podemos enumerar:

- a aplicabilidade tecnológica e/ou científica imediata dos resultados (por isso, as revistas de medicina costumam ocupar posições vantajosas no ranques de periódicos)
- o tamanho da fatia de determinada especialidade na comunidade científica (especialidades com comunidades diminutas têm, de modo geral, menos chance de se “internacionalizar” por meio do impacto de sua produção científica).
- da maior ou menor contextualização da pesquisa (pesquisas muito contextualizadas, geográfica ou culturalmente, impactam menos que pesquisas menos contextualizadas)
- da maior ou menos disciplinaridade de um artigo (a interdisciplinaridade parece influenciar positivamente o número de leitores, mas não necessariamente a *citabilidade* de um artigo).





A despeito do que foi dito acima, especialidades diminutas e contextos específicos dispõem de nichos de internacionalização globalmente espalhados. Para as Artes e Humanidades, de modo geral, a exploração desses nichos parece ser uma estratégia mais eficaz quando se busca a “internacionalização” do que a difusão aleatória da produção acadêmica.

Por fim, entendo que a internacionalização dos pesquisadores (docentes ou discentes de um programa de pós-graduação) desloca a questão para um aspecto relacional, interpessoal, que não é independente dos outros dois, mas tem sua dinâmica própria. As estratégias aqui são conhecidas de todos. Na opinião de muitos de nós, os congressos internacionais são a forma mais ineficaz de lograr esses relacionamentos. Muito raramente, em nossa área, eles propiciam o surgimento de vínculos duradouros e profícuos entre pesquisadores e instituições. Estágios pós-doutorais, por exemplo, costumam trazer muito mais retorno. Principalmente quando desses estágios decorre a formulação de projetos

de pesquisa em colaboração ou de intercâmbio (de pesquisadores e professores visitantes), convênios de cotutela, etc.

A internacionalização dos pesquisadores é tão mais relevante para determinada área quanto menos veloz é a replicação de conhecimentos em seu campo de investigação, aferível pela publicação em periódicos de alto impacto ou elevados índices de citações. Isto é, quanto mais lento for o processo de difusão do conhecimento, como é o caso das Humanidades, e quanto mais for dependente de nichos (que é largamente o caso das Artes), mais relevante são as redes de relações interpessoais para a internacionalização dos programas de pós-graduação.

É razoável supor que as estratégias e ações, na Área das Artes, sejam mais adequadas para um campo do que outro. Algo que funcione bem para música, talvez não dê o mesmo resultado nas artes cênicas, por exemplo, mas acredito que as similaridades entre os campos sejam suficientes para um reflexo conjunta. Similaridade que, por outro lado, não se esgota nas áreas ditas “afins”. Pois, do mesmo modo que um pesquisador brasileiro da Zica pode pegar carona na internacionalização do *Aedes aegypti*, é razoável imaginar que os pesquisadores brasileiros também possam ganhar asas com a difusão da própria arte brasileira. Estamos certos que ela é mais bem acolhida internacionalmente que esse famoso mosquito.

